



## **Spuria Aphthoniana: ensaio sobre o fabulário**

**REINA MARISOL TROCA PEREIRA**

*Professora Auxiliar Aposentada, Universidade da Beira Interior  
 Membro colaborador do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos (CECH),  
 Universidade de Coimbra  
 rntp@mail.com*

.....  
 Recibido: 30/04/2025

Aceptado: 02/06/2025  
 .....

O presente estudo analisa uma coletânea de quarenta fábulas em grego antigo atribuídas a Aftónio, ponderando questões relativas à sua autoria e finalidade. Sustenta-se a hipótese de que estas constituem um acréscimo pedagógico, coligido e adaptado para integrar os μῦθοι dos προγυμνάσματα do Retórico de Antioquia. Embora sob a aparência de mero entretenimento, estas fábulas revelam uma função didática e social de ampla influência, inserindo-se numa estratégia educativa orientada para a formação retórica superior bizantina. Interpretadas como instrumentos de transmissão ética, articulam os legados helénico e romano com os imperativos morais do cristianismo tardio, reativando uma lógica civilizacional que perpetua a oposição entre helenos e bárbaros. Ao mesmo tempo, denunciam os vícios de uma sociedade marcada pela desigualdade e pela crise institucional, funcionando como comentário velado ao contexto sociopolítico da segunda metade do século IV. Através da adaptação de *exempla* clássicos a uma nova realidade cultural, propõe-se que Aftónio desenvolve um programa de *paideia* simultaneamente conservador e reformista, que antecipa os discursos normativos da tradição bizantina e afirma a educação como via de regeneração ética e estabilidade social. A atual investigação inclui, pela primeira vez, a tradução integral destas fábulas para português.

**Aftónio / fábula / retórica / educação / Bizâncio**

...

**SPURIA APHTHONIANA: ENSAYO SOBRE EL FABULÁRIO**

Este estudio examina una colección de cuarenta fábulas en griego atribuidas a Aftonio, abordando cuestiones relativas a su autoría y finalidad. Se sostiene la hipótesis de que constituyen una adición pedagógica, recopilada y adaptada para integrarse entre los μῦθοι de los προγυμνάσματα del retórico de Antioquia.



Aunque presentadas bajo una apariencia lúdica, estas fábulas revelan una profunda función didáctica y social, insertándose en una estrategia educativa propia de la formación retórica superior bizantina. Leídas como instrumentos de transmisión ética, entrelazan los legados helénico y romano con los imperativos morales del cristianismo tardoantiguo, reactivando una lógica civilizatoria que perpetúa la oposición entre helenos y bárbaros. Paralelamente, denuncian los vicios de una sociedad atravesada por la desigualdad y la crisis institucional, configurándose como un comentario indirecto del contexto sociopolítico de la segunda mitad del siglo IV. A través de la adaptación de *exempla* clásicos a un nuevo horizonte cultural, se propone que Aftonio articula un programa de *paideia* a la vez conservador y reformista, anticipando los discursos normativos de la tradición bizantina y reivindicando la educación como medio privilegiado de regeneración ética y estabilidad social. Esta investigación incluye, por primera vez, la traducción completa de estas fábulas al portugués europeo.

**Aftonio / fábula / retórica / educación / Bizancio**

...

**SPVRIA APHTHONIANA: ESSAY ON THE FABLE COLLECTION**

This study analyzes a collection of forty Greek fables attributed to Apthonius, considering questions of authorship and intended purpose. It argues that these may represent a pedagogical addition, compiled and adapted for inclusion among the μῦθοι in the προγυμνάσματα of the rhetorician of Antioch. Though framed as mere entertainment, these fables fulfill a significant didactic and social function within the framework of higher Byzantine rhetorical education. Interpreted as ethical instruments, they articulate the Hellenic and Roman legacies alongside the moral imperatives of late Christian antiquity, reactivating a civilizational logic that perpetuates the dichotomy between Hellenes and barbarians. Simultaneously, they critique the vices of a society marked by inequality and institutional crisis, offering an implicit commentary on the sociopolitical conditions of the late fourth century. Through the adaptation of classical *exempla* to a shifting cultural context, the study proposes that Apthonius elaborates a program of *paideia* that is both conservative and reformist, anticipating the normative discourses of Byzantine tradition and asserting education as a pathway to ethical renewal and social stability. This research presents, for the first time, a complete Portuguese translation of these fables.

**Apthonius / fable / rhetoric / education / Byzantium**

## Exórdio

Circulava no panorama bizantino um *corpus* fabular de quarenta episódios veiculado total ou parcialmente de forma quirográfica<sup>1</sup>, sob autoria de Aftónio (Ms. *Barocci* 50.2, f. 377: Μύθοι Ἀφθονίου ῥήτορος)<sup>2</sup>.

Ao Retórico de Antioquia não se reconhece vasta produção literária<sup>3</sup>. Poderá, pois, sem despropósito, alvitrar-se, relativamente à matéria ora em apreço, apenas haver selecionado e coligido com ligeiras alterações algumas fabulas, em conformidade com o seu desígnio. Tal raciocínio, de certo modo, marginaliza e instrumentaliza o opúsculo de registo simples em metro datílico, sumário e de escassa ornamentação estilística reduzindo-o a mero material pedagógico complementar ao primeiro exemplo facultado no exercício progimnasmático<sup>4</sup> reportado ao autor que se revela longe de constituir um fabulista *stricto sensu*.

O título adoptado por este ensaio — *Spuria Aphthoniana* — propõe uma leitura crítica do fabulário atribuído a Aftónio à luz da tradição filológica que designa por *spuria* os textos cuja autoria é duvidosa ou disputada. Esta formulação, deliberadamente ambígua, visa abrir espaço a uma reconsideração do *corpus* à margem da autoridade atribuída pela receção escolar e retórica.

Poderia ter encontrado inspiração da tradição discursiva reconhecida por Quintiliano (*Inst.* 5.10.9, 17-19) em autores como Homero, Hesíodo, séc. VIII/VII a.C.; Esopo, séc. VII/VI a.C.; Ovídio, séc. I a.C.; Fedro, séc. I. Relevante é também a presença do discurso moral e alegórico em Fornuto/Cornuto, *De natura deorum*, séc. I; no imaginário pictórico-literário de Filóstrato, *Imagines*, séc. II/III; bem como na reelaboração métrica de fábulas levada a cabo por Bábrio, séc. II/III, cujas composições reforçam o uso escolar do género. Importa, outrossim, integrar entre os antecedentes da tradição retórico-escolar uma coleção de particular significado: as dezassete fábulas anónimas atribuídas a Pseudo-Dositeu, geralmente datadas do século IV d.C. Esta coletânea, escrita em prosa grega e de carácter marcadamente didático, evidencia a vitalidade do género no contexto pedagógico do final da Antiguidade. Como demonstrado por diversos estudos<sup>5</sup>, constata-se uma clara afinidade entre esta compilação e a posterior produção de fábulas de orientação retórica, como as de Aftónio, que revelam continuidade na forma, na função didática e na organização do material narrativo. Tal continuidade testemunha a persistência da fábula enquanto instrumento de formação retórica e modelo de composição narrativa no ensino greco-romano tardo-antigo.

Na realidade, dos apólogos dispostos, uns encontram correspondência unicamente esópica (§§21, 30, 36); a maioria reproduz uma traça mista, entre Esopo e Bábrio (viz. §§1, 7, 8, 9, 14, 15, 18, 19, 23, 24, 25, 29, 31, 35, 39); outros

não denotam analogia (§§2, 4, 6, 20, 22, 27, 28, 40). Justifica-se, neste sentido, que tenha elaborado uma biografia de Esopo, onde aproveita para advogar a que se decante a verdade das brumas alegóricas que os enunciados fictícios<sup>6</sup> envolvem – uma prática segura de parrésia.

Exercício ético civilizador de desenho tripartido, o escrito fabular constitui um adereço verbal contemplado nos momentos iniciais (quicá convenção genérica) de um plano educacional exibido pelos quatro *progymnasmata*<sup>7</sup> remanescentes (a saber, de Élio Téon, séc. I; Hermógenes, séc. II (?); Aftónio, séc. IV; sofista Nicolau, séc. V), em torno de um postulado de moralidade social. Concilia, na generalidade, *exordium*, ‘exórdio’: introdução breve; *διήγημα*: ‘narrativa’; *ἐπιμύθιον / παραίνεσις*: ‘retribuição / consequência’. Em termos semióticos, retrata num cenário diegético *γνώμαι* tradicionais e tiradas paremiológicas – um propósito didático, no caso aftoniano, individualizado numa segunda pessoa do singular (e.g. §§ 7, 29), que deverá entender-se enquanto forma de aproximação e generalização de um destinatário impessoal.

Propõe um percurso de cenários mormente bucólicos protagonizado por figuras humanas, monstruosas, animais e plantas (quais instâncias de alteridade), enquanto arquétipos simbólicos (e.g. a astúcia da raposa, a vaidade do corvo, a força do leão) e divindades do contexto pagão (e.g. Zeus, §15), ainda que destituídas de crença e expedientes meramente decorativos.

De início desconstrutivo (admoestando vícios sociais), o exercício mostra-se por fim reabilitativo/edificante. Construía-se sobre o reaproveitamento moralizante de um código de valores tradicionais das civilizações greco-romanas da antiguidade e adaptação filosófica de uma variada índole de preceitos ao paradigma judaico-cristão. A coletânea aftoniana desenvolve, pois, uma base filosófica de diversa índole refletida nos vários episódios (vd. linhas metafísicas de índole pré-socrática; preceitos da Academia e do Liceu; bem assim vias estoicas, desde Zenão de Chipre, com fundamentos cínicos e epicuristas a partir do século IV a.C.), fazendo confluir um prazer positivo, utilitarista e quietista, relembrando um código de valores tradicionais<sup>8</sup>. Denotando tais preceitos ideológicos, discorre a respeito de *topoi* de múltiplas ramificações éticas concernentes a fisiologia, *ἀδύνατα / impossibilia*; valor do trabalho (e.g. §§11, 13); ponderações de foro ético (e.g. dolo, §8; favor e retribuição §9; antinomia clássica *δοκεῖν / εἶναι*, ‘parecer / ser’ (e.g. A. Ag. 788: τὸ δοκεῖν εἶναι. Cf. Pl. R. 1.334c) §§6, 10; insolência §§12, 19, 20; *concordia* §16; inveja §20; vanglória §§24, 34; moderação e *philia* §26; traição §32; excesso/apelo estoico-epicurista à contenção material<sup>9</sup>.

Num mundo regido por leis universais, deveria o sábio (no caso, ‘o formando’), como parte integrante e participativa desse cosmos (cf. raciocínio atomista) submeter-se-lhe voluntariamente e sem insolência (ὕβρις)<sup>10</sup>, promovendo, dessa forma, o conceito de humanidade.

Pese embora a possibilidade de evidenciar a lição ética no início ou no fim de cada episódio (*exclusi* §§18, 32 sem epílogo moral), a fábula aftoniana diversifica a norma. Centrando-se na sua finalidade, conjuga os dois momentos de enunciação: um, qual titulação seccional (*exclusus* §37), *promythion* (πρόρρησις); outro, em jeito de epílogo, *epimythion* (ἐπιμύθιον). Na realidade, ao discorrer a respeito das fabulas, Aftónio menciona a παραίνεσις, ‘exortação’ enquanto do discurso fictício fabular, disposta no seu início ou no seu final. Porém, na maioria dos episódios contemplados na sua coletânea, a lição moral assume o cerne do exercício literário: porquanto repetido em posições estruturalmente destacadas, marginaliza a matéria narrada enquanto mero ornamento.

Transato um panorama social homérico e arcaico assente em rudimentos cognitivos, o fluxo cronológico expõe uma transição didática do οἶκος à πόλις acompanhado de alterações sociais que impõem novas necessidades educativas. Uma análise sobre épocas mais vetustas da antiguidade helénica depara-se com a consignação dos primeiros ensinamentos a um polo feminino disposto à margem na viril sociedade, todavia responsável pelo seu prosseguimento no mesmo ramo genético, pela sua gestão e primeiros ensinamentos. No prosseguimento, a *paideia* masculina focaliza-se em ideais heroicos, por forma a atingir uma ἀρετή tradicional, arcaica e belicista que, aplicada altruisticamente a exortações emitidas em prol da comunidade, proporciona glória, prémios (espólio e recompensas), bem como, em última instância, imortalidade (cf. período homérico e época arcaica, e.g. Calino, Tirteu). Nessa hegemonia arcaica<sup>11</sup>, os rudimentos cognitivos dos jovens cidadãos disciplinados distribuem-se pela área física (cf. καλοκάγαθία: καλὸς καὶ ἀγαθός, ‘belo e bom’, correspondendo a beleza física ao valor), música (cf. música disciplinadora da alma, Pl. *Tim.* 47c–d, R. 3.401d), primeiras letras e números, encontrando orientação e desenvolvimento, respetivamente, com os seguintes mestres<sup>12</sup>: παιδοτρύβης, κιθαριστής, γραμματιστής<sup>13</sup>. Porém, ou decurso temporal desencadeia outros cenários sociopolíticos necessitados de um ideal heroico distinto. a nova constituição política que se ergue a partir das reformas de Sólon (séc. VI a.C.) e Clístenes (séc. VI/V a.C.) até culminar na democracia de Efíaltes e Péricles (séc. V a.C.) justifica

uma reforma educacional. A formação dos cidadãos aprofunda-se em conformidade com a premência dos quesitos sociais vigentes.

Por conseguinte, o plano formativo acompanha as alterações. Em termos sumários, o modelo de formação helenístico e do início do Período Imperial Romano<sup>14</sup> contempla três níveis distintos: um elementar (ler e escrever); outro intermédio / preliminar (ler e interpretar textos); por fim, o estágio de maior desenvolvimento sobretudo retórico (composição e declamação, de temáticas históricas ou ficcionadas: μέλεταιι)<sup>15</sup>. Assim, da gramática, à sofística e retórica. O seu ministério, deveria ficar consignado a mestres distintos: do γραμματικός, passando pelo ῥήτωρ, até ao σοφιστής<sup>16</sup>, cujas habilidades não se encontravam absolutamente definidas. Serve o nível didático superior uma categoria profissional criada em conformidade com as premências sociais. O espírito agónico prossegue, todavia, por matrizes diversas, cedendo o embate físico lugar à esgrima de argumentos (cf. *Prog.* 2 ἀγῶνες), com vista à obtenção de poder em regime democrático (através de πειθῶ, ‘persuasão’ maioritária). Por conseguinte, juntando-se à evolução do conhecimento teórico científico, o conceito de ἀρετή altera-se.

*Lato sensu*, o convívio e a experiência social com a ‘escola da Hélade’ completam o plano formativo do πεπαιδευμένος no contato com espaços e instituições como ágora, simpósios, ginásios, palestras, festivais, Conselho (Βουλή), Assembleia (Εκκλησία); tribunais de justiça positiva (cf. Ἡλιαία)<sup>17</sup>. Ensaia-se então um trajeto de *humanitas*, basilar para o *trium* e *quadriuum* medievais, ideal integralista das *artes liberales*.

Aparentemente, a *collectio* aftoniana parece radicar numa base paradoxal. Por um lado, exorta-se uma correção ética. Todavia, por outro, os últimos responsáveis pela execução do plano formativo inscrevem-se numa categoria profissional de retóricos sofistas definida por Aristóteles (*Rh.* 1358d), modelada pela imitação de oradores do cânone geral (em particular Lísias e Demóstenes) e reconhecida por descurar princípios de ordem ética, designadamente em serviços individuais assumidos, o que desencadeia movimentos de crítica social<sup>18</sup>.

A coletânea de fábulas encontraria a sua *editio princeps*, acompanhada de tradução em língua latina, no ano de 1597: ΑΦΘΟΝΙΟΥ ΣΟΦΙΣΤΟΥ Προγυμνάσματα καὶ Μύθοι APHTHONII SOPHISTAE *Progymnasmata*. FRANCISCO SCOBARIO *Interprete: cum Notis ex Commentariis Hadamarij. Eiusdem APHTHONII FABVLAE nunc primum in lucem prolatæ.*

A presente tradução para português europeu parte do texto original grego atribuído a Aftónio, tendo como finalidade não apenas a acessibilidade do conteúdo, mas também a valorização filológica e crítica do *corpus* fabular. Partindo da hipótese de que estas fábulas integram um programa de *paideia* tardo-antiga com função formativa e normativo-moral, a tradução orienta-se por critérios de fidelidade semântica, clareza discursiva e manutenção dos efeitos retóricos do original. A introdução do texto grego, conforme Sbordone (1932: 47-68), sem aparato crítico, a par da tradução visa permitir uma leitura comparada, facilitando o diálogo entre conteúdo, estilo, intenção pedagógica, reforçando, assim, a dimensão crítica e analítica do estudo.

## Tradução

### Fabulas de Aftónio

#### 1. Μῦθος ὁ τῶν τεττίγων καὶ τῶν μυρμηκῶν προτρεπόμενος τοὺς νέους εἰς πόνους

Θέρους ἦν ἀκμή καὶ οἱ μὲν τέττιγες μουσικὴν ἀνεβάλλοντο σύντονον: τοῖς μύρμηξι δὲ πονεῖν ἐπιήει καὶ συλλέγειν καρπούς, ἐξ ὧν ἔμελλον τοῦ χειμῶνος τραφήσεσθαι. χειμῶνος δὲ ἐπιγεγονότος οἱ μύρμηκες μὲν, οἷς ἐπόνουν, ἐτρέφοντο, τοῖς δὲ ἡ τέρψις ἐτελεύτα πρὸς ἔνδειαν.

Οὕτω νεότης πονεῖν οὐκ ἐθέλουσα παρὰ τὸ γῆρας κακοπραγεῖ.

#### FÁBULA DAS CIGARRAS E DAS FORMIGAS, QUE EXORTA OS JOVENS AO LABOR

Era pleno verão e as cigarras dedicavam-se intensamente à música. As formigas, porém, dispunha-se ao trabalho e à recolha dos frutos, com os quais se sustentariam durante o inverno. Chegado o inverno, as formigas, que se haviam afadigado, alimentavam-se; mas às outras, o deleite conduziu à indigência.

Assim também a juventude, recusando-se a trabalhar, experimenta na velhice a adversidade.

#### 2. Μῦθος τοῦ χηνὸς καὶ τοῦ κύκνου τοὺς νέους εἰς λόγους παρακαλῶν

Ἀνὴρ εὐπορῶν χηνά τε ἅμα καὶ κύκνον ἄμφω τρέφειν ἐβούλετο. ἔτρεφε δὲ οὐκ ἐφ' ὁμοίοις βουλευμασι: τὸν μὲν γὰρ ὦδης, τὸν δὲ τραπέζης ἐκέκτητο χάριν. ὡς δὲ ἔδει τὸν χῆνα ἀποθανεῖν ἐφ' οἷς ἐτρέφετο, νύξ μὲν ἦν, καὶ διαγινώσκειν ὁ καιρὸς οὐκ ἀφῆκεν ἐκάτερον, ὁ κύκνος δὲ ἀντὶ τοῦ χηνὸς ἀπαχθεὶς ὦδῃ σημαίνει τὴν φύσιν καὶ τὴν τελευτὴν διαφεύγει τῷ μέλει.

Οὕτως ἡ μουσικὴ τελευτῆς ἀναβολὴν ἀπεργάζεται.

#### FÁBULA DO GANSO E DO CISNE, A INCITAR OS JOVENS À REFLEXÃO

Um homem rico desejava criar simultaneamente um ganso e um cisne. No entanto, não os alimentava com o mesmo propósito: enquanto um deles era nutrido para o canto, o outro era para servir de banquete. Quando chegou o momento de o ganso ser sacrificado, já era noite, e o tempo não permitiu distinguir nenhum dos dois. O cisne,

então, sendo separado do ganso, anunciou através do seu canto a sua natureza e o seu fim, escapando do sofrimento pela melodia.

Assim, a música retarda a execução da morte.

### 3. Μῦθος ὁ τῶν ἰκτίνων καὶ κύκνων παραινῶν μὴ μιμῆσθαι τὰ μὴ προσήκοντα

Ὅσπιν τοῖς κύκνοις ἢ φύσις ᾠδὴν, τοσαύτην ἰκτίνοις παρέσχε τὸ πρότερον: ἵππων δὲ χρεμετιζόντων ἀκούσαντες, εἰς ἔρωτα ἦκον τῆς ἐκείνων φωνῆς καὶ μιμῆσθαι πειρώμενοι, συναποβάλλουσιν ἃ εἶχον, οἷς μαθεῖν ἐπετήδευον: χρεμετίζειν μὲν γὰρ οὐκ ἔμαθον, ἄδειν δὲ ἐπελάθοντο.

Φέρει τῶν προσόντων τὴν στέρησιν ἢ τοῦ μὴ προσήκοντος μίμησις.

#### FÁBULA DOS MILHAFRES E DOS CISNES, ENCORAJANDO A NÃO IMITAR O QUE NÃO É ADEQUADO

A natureza concedeu aos cisnes o canto, que havia de igual modo anteriormente concedido aos milhafres. Porém, ao ouvirem o relinchar dos cavalos, aproximaram-se do som, tentaram imitá-lo e abandonaram o que possuíam, procurando aprender o que não lhes convinha. Não aprenderam a relinchar e, por conseguinte, esqueceram o canto.

A imitação do que não é adequado conduz à perda do que é próprio.

### 4. Μῦθος ὁ τοῦ ἰξευτοῦ παραινῶν μὴ λόγοις προσέχειν, ἀλλ' ἔργοις

Ἰξευτῆς τέττιγος ἀκούσας, μέγα τι θηράσειν ἐδόκει, μετρεῖν τὴν θήραν ἐκ τῆς ᾠδῆς παρερχόμενος. ὡς δέ, τὴν τέχνην κινήσας, εἶλε τὸ θήραμα, ᾠδῆς μὲν πλέον οὐδὲν ἐκομίσατο, κατητιᾶτο δὲ τὴν δόξαν ὡς ψευδῆ τοῖς πολλοῖς κρίσιν ἐπάγουσαν.

Οὕτως φαῦλοι δοκοῦσι μᾶλλον ἢπερ γεγόνασιν.

#### FÁBULA DO CAÇADOR, ADVERTINDO PARA PRESTAR ATENÇÃO AOS ATOS, NÃO ÀS PALAVRAS

Um caçador, ao ouvir uma cigarra, julgou que ia caçar algo grande, e procurava medir a caça pela sua melodia. No entanto, ao colocar em prática a sua habilidade, apanhou a presa, sem que a canção lhe tivesse trazido benefício. Foi então criticado, pois a sua fama era considerada falsa, e a sua ação induzia em erro o julgamento da maioria.

Assim, os inúteis parecem mais do que realmente são.

### 5. Μῦθος ὁ τῆς αἰγὸς παραινῶν μὴ κρύπτειν τὰ πρόδηλα

Αἶγα ἀποστᾶσαν ἀγέλης ἐπανάγειν αἰπόλος ἐπειρᾶτο πρὸς τὰς λοιπὰς: ὡς δέ, φωναῖς καὶ συριγμοῖς χρώμενος, οὐδὲν μᾶλλον ἦννε, λίθον ἀφείς καὶ τοῦ κέρως τυχών, ἐδεῖτο τῷ δεσπότη μὴ κατεπειν. ἢ δέ · ἀνούστατε εἶπεν αἰπόλων, τὸ κέρως κεκράξεται κὰν ἐγὼ σιωπήσωμαι.

Οὕτω λίαν εὐήθεις οἱ τὰ πρόδηλα κρύπτειν ἐθέλοντες.

#### FÁBULA DA CABRA, QUE EXORTA A NÃO OCULTAR O QUE É EVIDENTE

Uma cabra ia-se afastando do rebanho, e o pastor tentava reconduzi-la às restantes. Todavia, como nada lograsse com gritos e assobios, lançou-lhe uma pedra e, atingindo-lhe o corno, suplicou-lhe que não o denunciasse ao proprietário. Mas ela referiu: “Insensato pastor! O corno dará testemunho, ainda que eu me cale”.

Assim, são verdadeiramente ingénuos os que pretendem ocultar o óbvio.

### 6. Μῦθος ὁ τοῦ Αἰθίοπος δηλῶν τὰς φύσεις μὴ μεταβάλλεσθαι

Αἰθιοπία τις ὠνήσατο, τοιοῦτον εἶναι τὸ χρῶμα δοκῶν ἀμελεία τοῦ πρότερον ἔχοντος, καὶ παραλαβῶν οἴκαδε, πάντα μὲν αὐτῷ προσῆγε τὰ ρύματα, πᾶσι δὲ

λουτροῖς ἐπειρᾶτο φαιδρύνειν: καὶ τὸ μὲν χρῶμα μεταβαλεῖν οὐκ ἔσχε, νοσεῖν δὲ τῷ πονεῖν παρεσκεύασε.

Μένουσιν αἱ φύσεις ὡς προῆλθον τὸ πρότερον.

#### FÁBULA DO ETÍOPE, A DEMONSTRAR QUE AS NATUREZAS NÃO SE TRANSFORMAM

Um homem comprou um [escravo] etíope, julgando que aquela cor se devia ao desleixo do anterior proprietário. Levando-o para casa, aplicou-lhe todos os produtos de limpeza e procurou, com uma panóplia de banhos, torná-lo mais claro. Contudo, não conseguiu alterar-lhe a cor, e apenas lhe provocou doença, com tanto esforço.

As naturezas permanecem tal como sempre foram desde o princípio.

#### **7. Μῦθος ὁ τῆς παρθένου καὶ τοῦ λέοντος ἡδονῶν ἀποτρέπων**

Λέων ἦρα παρθένου καὶ προσελθὼν τῷ πατρὶ τῆς παιδὸς ἐγγυῆσαι τὴν κόρην πρὸς γάμον ἔδειτο. δεδιὼς δὲ ὁ πατήρ ἀπανήνασθαι, μετὰ τῶν ὀδόντων ἐκβαλεῖν ἐπειρᾶτο τοὺς ὄνυχας, μὴ ταῦτα - λέγων - φόβον τῇ παιδί κατεγάσῃται: καὶ πεισθεὶς ὁ λέων ὑπ' ἔρωτος, ἀμυντηρίων πρόσσειι γυμνός, προσιῶν δὲ ροπάλοις τὴν τελευτὴν ἀντηλλάσσετο.

Ἐχθοῖς πειθαρχῶν ὑποστήσῃ τὸν κίνδυνον.

#### FÁBULA DA DONZELA E DO LEÃO DISSUASORA DOS PRAZERES

Um leão apaixonou-se por uma donzela e, dirigindo-se ao pai da jovem, pediu-lhe a mão dela em casamento. O pai, receando recusar, tentou livrar-se dele propondo-lhe que arrancasse as garras juntamente com os dentes, dizendo: “Não deves causar medo à minha filha”. O leão, persuadido pelo amor, aproximava-se desarmado, e, ao ir ao encontro dos bastões, trocava a vida pela morte.

Ao cederes aos inimigos, submeter-te-ás ao perigo.

#### **8. Μῦθος ὁ τοῦ λέοντος παραινῶν κακίας ἀρετὴν προτιμᾶν**

Γῆρας ἐλύπει τὸν λέοντα καὶ θηρᾶν οὐκ ἡδύνατο: βουλόμενος δὲ πορίσασθαι τροφήν, νοσεῖν ὑπεκρίνετο, καὶ σχήματι νόσου πόρον τῆς τροφῆς ἀπειργάζετο: τὰ γὰρ πλεῖστα τῶν ζώων προσιόντα φιλοφρονούμενος, τροφήν πρόχειρον ἔχων κατήσθιεν. ἐάλωκόντων δὲ τῶν πολλῶν, ἀλώπηξ, συνείσα τῆς τέχνης, ἐν προθύροις μὲν φιλοφρονεῖται τὸν λέοντα: τὰ δὲ τῶν ἐάλωκόντων ἵχνη τῆς λύμης ἔλεγον ἔφερον.

Οὕτω σοφία πανουργίας ἐπικρατεῖ.

#### FÁBULA DO LEÃO, QUE ACONSELHA A PREFERIR A VIRTUDE À MALDADE

A velhice enfraquecia o leão e ele já não conseguia caçar. Desejando arranjar alimento, fingiu estar doente e, com o disfarce da doença, planeava a forma de alimentar-se. Pois, ao receber a visita de muitos animais, ele, mostrando-se afável, degustava sem esforço a comida que lhe era trazida. Contudo, quando muitos foram apanhados, a raposa, percebendo a sua astúcia, saudou o leão à distância. Mas as pegadas deixadas pelos que haviam sido caçados traziam a evidência da sua armadilha.

Assim, a sabedoria prevalece sobre a astúcia.

#### **9. Μῦθος ὁ τοῦ ὄνου παραινῶν μὴ κακοῦς εὖ ποιεῖν**

Ἦνος ἐζήτει τὸν ἰασόμενον: ἐμπαρέντος αὐτοῦ τῷ ποδὶ σκόλοπος, κατοκνούτων δὲ τῶν πολλῶν, μόνος ὁ λύκος ὑπισχνεῖτο τὴν ἴασιν, καὶ τοῖς ὀδοῦσιν ἐξαιρεῖται τοῦ πάθους: ὁ δὲ τῷ σωθέντι ποδὶ τὸν ἰασάμενον ἔπληττεν.

Οὕτως οἱ πονηροὶ χάριτος ἀμοιβὰς ἀντισταφύρονται βλάβας.

FÁBULA DO BURRO A EXORTAR A NÃO FAZER MAL A QUEM PRÁTICA O BEM

Um burro procurava quem o curasse. Tinha um espinho cravado no casco. Enquanto muitos hesitavam, apenas o lobo se ofereceu para tratá-lo. Com os dentes, retirou-lhe o espinho e aliviou a sua dor. No entanto, assim que se viu curado, o burro usou a pata sã para desferir um golpe ao lobo.

Assim, os perversos retribuem os favores com danos.

**10. Μῦθος ὁ τοῦ ὄνου παραινῶν μὴ πλειόνων ἐρᾶν**

Ὅνος ἐπεθύμει λέων εἶναι δοκεῖν καὶ μεταθεῖναι τὴν φύσιν οὐκ ἔχων, ἐπὶ τοῦ σχήματος ἀνεπλήρου τὸν πόθον, καὶ λεοντῆν περικείμενος, οἷα λέων τοὺς τῶν γεωργῶν ἐλυμαίνετο πόνους. καὶ πνεύσας βιαιότερος ἄνεμος, γυμνοῖ μὲν αὐτὸν τοῦ προκαλύμματος, φανέντα δὲ ὄνον ροπάλοις ἀνήρουν ὧν τοὺς πόνους κατήσθιε.

Νόμος ἐπείσακτος τοῖς χρωμένοις γίνεται κίνδυνος.

FÁBULA DO BURRO, QUE ACONSELHA A NÃO COBIÇAR O QUE É PARA ALÉM DO PRÓPRIO ALCANCE

Um burro desejava parecer um leão e, não podendo transformar a sua natureza, procurava suprir essa ânsia com a aparência. Cobrindo-se com uma pele de leão, como se fosse um, devastava os trabalhos dos agricultores. Contudo, ao soprar um vento mais forte, ficou despojado do disfarce e, reconhecido como burro, foi morto à paulada por aqueles cujos labores devorava.

Uma norma imposta torna-se perigo para aqueles que dela se servem.

**11. Μῦθος ὁ τοῦ καρκίνου παραινῶν μὴ συμβουλεύειν ἀδύνατα**

Ἡ μήτηρ πρὸς τὸν καρκίνον · τί δὲ λοξήν, ὦ παῖ, βαδίζεις ὁδόν, ὀρθὴν εἶναι προσῆκον ; ὁ δὲ πρὸς αὐτήν· ἡγοῦ τῶν ὁδῶν, ὦ μήτερ, καὶ πρὸς αὐτὴν βαδίζειν πειράσομαι. τῆς δὲ βαδίζειν ἀπορούσης ὀρθῶς, κατήγορος ὁ παῖς τῆς παρανοίας ἐγένετο.

Ρᾶον παραινεῖν ἂ πονεῖν ὑπῆρξεν ἀδύνατον.

A FÁBULA DO CARANGUEJO, A ACONSELHAR O QUE É IMPOSSÍVEL DE REALIZAR

A mãe disse ao caranguejo: “Por que razão, meu filho, caminhas de forma enviesada, quando deverias movimentar-te em linha reta? Ele respondeu: “ Guia tu o caminho, mãe, e tentarei seguir-te de modo retilíneo”. Mas como ela própria fosse incapaz de prosseguir retamente, passou a acusá-la de incoerência.

É mais fácil exortar ao que se revela impossível de praticar.

**12. Μῦθος ὁ τῶν ἀλεκτρονῶν μετριάζειν παραινῶν ἐν τοῖς εὐτυχήμασιν**

Ἀλεκτρονῶνες συμπεσόντες ἀλλήλοις, ὡς νόμος εἶχεν, ἐμάχοντο, καὶ ὁ μὲν νικηθεὶς, κλίνη ὑποδύς, ἀπεκρύπτετο: ὁ δὲ νενικηκῶς ἐπὶ στέγης ἄρθεις, ἀνέκραγε μέγιστον τὴν νίκην καὶ κατάδηλον ἐξ ὀργῆς ἐργαζόμενος διετέλει. καὶ δῆτα καταπτὰς ἀετὸς τοῦτον ἀρπάζει λαβῶν.

Νίκης ἀσφάλεια μετριάτης φρονήματος.

FÁBULA DOS GALOS A EXORTAR À MODERAÇÃO NOS SUCESSOS

Dois galos, como era da sua natureza, entraram em combate. O que foi vencido, enfiando-se por entre os recantos, escondeu-se. O vencedor, porém, subindo a um telhado, soltou um grande bramido, proclamando a vitória, e continuava a agir dominado pela arrogância. Mas eis que uma águia, lançando-se em voo, o apanhou e o levou consigo.

A segurança após a vitória reside na moderação do ânimo.

### 13. Μῦθος ὁ τοῦ ἵππου παραινῶν σκοπεῖν τὰ ἀνθρώπινα

Ἴππον ἐλύπει τὸ γῆρας, καὶ μυλῶν' ἀντὶ μάχης ἐλάμβανεν. ὡς δὲ ἀλήθειν ἀντὶ τοῦ πολεμεῖν ἠναγκάζετο, τὴν παροῦσαν ἐδάκρυε τύχην, τῆς δὲ πρώτης ἐμέμνητο· ἐμοὶ λέγων ᾧ μυλωρέ, στρατεύεσθαι μὲν ὑπῆρχε τὸ πρότερον, κόσμος δὲ παντὶ περιέκειτο σώματι, καὶ θεραπεύων παρηκολούθει τις ἄνθρωπος· νῦν δὲ οὐκ οἶδ' ὅ τι παθῶν, ἀντιλαμβάνω τὸν μυλῶνα τῆς μάχης. καὶ ὁ μυλωρὸς πρὸς αὐτόν· ἐπίσχεσ ἔφη τὰ πάλαι θρυλῶν.

Ἡ τύχη γὰρ θνητοῖς τὴν ἐφ' ἑκάτερα φέρειν οἶδε μεταβολήν.

#### FÁBULA DO CAVALO, A ADVERTIR A CONSIDERAR A CONDIÇÃO HUMANA

Um cavalo, oprimido pela velhice, já não era levado para a guerra, mas destinado ao moinho. E, constrangido a moer grão em vez de combater, derramava lágrimas pela sorte presente e recordava-se da anterior: “Outrora — dizia — eu era enviado para o campo de batalha. Por todo o corpo envergava arreios vistosos e um homem acompanhava-me em serviço. Agora, sem saber que mal me sucedeu, troquei o combate pelo moinho”. Disse-lhe então o moleiro: “Acaba com essas histórias antigas!”

Com efeito, a fortuna sabe trazer aos mortais alternância entre ambos os estados.

### 14. Μῦθος ὁ τοῦ πελαργοῦ παραινῶν μὴ συνεῖναι κακοῖς

Γεωργὸν ἠδίκουν οἱ γέρανοι τὰ καταβαλλόμενα τῇ γῆ προαρπάζοντες σπέρματα. πελαργὸς δὲ τις τοῖς γεράνοις συνῆν, τῆς μὲν διατριβῆς κοινωνῶν, τῆς δὲ βλάβης οὐ μετασχών. ἀπειπὼν δὲ πυρῶν τὴν βλάβην ὁ γεωργός, βρόχους στησάμενος, μετὰ τῶν γεράνων εἶλε τὸν πελαργόν, καὶ δίκην ὑπέιχεν ὧν οὐδὲν προηδίκησεν.

Ὁ συνὼν πονηροῖς τὴν αὐτὴν αὐτοῖς ὑποστήσεται δίκην.

#### FÁBULA DA CEGONHA, ADVERTINDO CONTRA A CONVIVÊNCIA COM OS MALFEITORES

Um lavrador era prejudicado pelos grou, que lhe subtraíam as sementes lançadas ao solo antes de estas germinarem. Uma cegonha, embora não participasse no roubo, associava-se a essas aves, partilhando com elas o lugar e a companhia, mas não a má ação. Tendo o lavrador declarado que puniria os danos causados à seara, preparou armadilhas e, juntamente com os grou, capturou também o pelicano, que acabou por ser punido por atos de que não fora autor.

Aquele que se associa aos malfeitores, ainda que nada tenha feito, será por fim submetido ao mesmo juízo.

### 15. Μῦθος ὁ τῆς καμήλου τὴν ἐπιθυμίαν κακίζων τοῦ πλείονος

Εἶδεν εἰς ταῦρον ἢ κάμηλος καὶ κεράτων ἐπεθύμει μεταλαβεῖν. προσελθοῦσα οὖν τῷ Δί, κέρως ἦτει τυχεῖν: ὁ δὲ τῆς ἀπληστίας μισήσας, Ἑρμῆ κελεύει προσαφελῆσθαι τῶν ὄτων, ὅθεν καμήλω ταῦτα τοῦ λοιποῦ καταδεέστερα σώματος.

Ὁ πλείονων ἐρῶν καὶ τῶν προσόντων ἀποστερεῖται.

#### FÁBULA DO CAMELO, A CRITICAR O DESEJO DO SUPÉRFLUO

O camelo, ao contemplar o touro, invejou-lhe os chifres e desejou também possuir tal atributo. Aproximou-se, por isso, de Zeus, rogando-lhe que lhe concedesse chifres. Porém, Zeus, detestando a cobiça, ordenou a Hermes que lhe retirasse parte das orelhas, razão por que, desde então, estas são, no camelo, desproporcionadamente pequenas, em relação ao corpo.

Quem cobiça mais do que lhe é próprio acaba por perder até o que possui.

## 16. Μῦθος ὁ τῶν ταύρων παραινῶν εἰς ὁμόνοιαν

Ταῦροι τρεῖς τὴν αὐτὴν διαίταν ἐπεποίηντο, λέων δέ τις αὐτοῖς παρηκολούθει θηρᾶσαι βουλόμενος καὶ συνόντας μὲν ἐλεῖν οὐκ ἠδύνατο, διαστάντας δὲ προηρεῖτο χειρώσασθαι καὶ συγκρούσας ἀλλήλους, ἐν μέρει διαστήσας ἀπέκρινε καὶ καθ' ἕκαστον προχειρότερον ἔφθειρεν, οὐς κοινῇ συνόντας ἠπόρει χειρώσασθαι.

Οὕτως ὁμόνοια τοῖς χρωμένοις σωτήριον.

### FÁBULA DOS TOUROS, A EXORTAR À CONCÓRDIA

Três touros partilhavam o mesmo pasto. Um leão, desejoso de cazá-los, procurava ocasião para fazê-lo. Enquanto se mantinham unidos, não lhe foi possível dominá-los; mas, tendo-os feito desentender-se entre si e dividindo-os com intrigas, separou-os um a um e, assim, subjugou mais facilmente aqueles que, estando unidos, não se conseguiam vencer.

Assim, a concórdia é de salutar para os que dela fazem uso.

## 17. Μῦθος ὁ τῆς ἐλάφου νουθετεῖν παραινῶν τὸν καὶ πράττειν δυνάμενον

Ἐλαφον ἢ μήτηρ ἐνουθέτει τί ταῦτα· λέγουσα κέρας μὲν, ᾧ παῖ, παρὰ τῆς φύσεως εἴληφας, μεγέθει δὲ διενήνοχας σώματος καὶ οὐκ οἶδ' ὅ τι παθῶν, ἀποδιδράσκεις ἐπιόντας τοὺς κύνας. ταῦτα ἦν, καὶ κυνῶν δρόμος ἠκούετο πόρρωθεν· ἢ δὲ μένειν τῷ παιδί παραινέσασα, αὐτὴ τῆς φυγῆς προκατήρξατο.

Παραινεῖν ἔτοιμον ἂ ποιεῖν ἀπορώτερον.

### FÁBULA DO VEADO A ADVERTIR O FILHO A AGIR CONFORME A SUA CAPACIDADE

A mãe de um veado exortava a sua cria, dizendo: "O que é isto? Filho, pela natureza, recebeste chifres e o teu corpo desenvolveu-se na sua grandeza, mas, ao fugir dos cães, não sabes o que sofres." Enquanto dizia estas palavras, ouvia-se ao longe o som dos cães a caçar. Tendo aconselhado o filho a permanecer no lugar, preparava-se ela mesma para fugir.

É mais fácil aconselhar do que fazer.

## 18. Μῦθος ὁ τοῦ ἐλάφου παραινῶν τὴν πείραν ἀναμένειν εἰς κρίσιν

Ἐλαφον τὸ θέρος ἐπὶ ναμάτων ἐκόμιζε χρεῖαν: ἀφικόμενος δὲ παραστάς, ἑαυτὸν ἐθεᾶτο τοῖς νάμασι, καὶ τὸ μὲν κέρας τῆς πλοκῆς ἀπεθαύμαζε, κατηγιάτο δὲ τῶν ποδῶν τὴν ἀσθένειαν. καὶ τὴν φύσιν κατ' ἄμφω τιμῶντός τε καὶ κακίζοντος, οἱ θηρῶντες προσήεσαν· ὁ δὲ τοῖς μὲν κατηγορουμένοις διαφεύγει ποσί, τοῖς δὲ ἐπαινουμένοις ἀλίσκεται κέρασιν.

### FÁBULA DO VEADO, A ACONSELHAR A ESPERAR PELA PROVA ANTES DE JULGAR

No verão, um veado dirigiu-se a uma nascente à procura de água. Ao chegar ao local, parou e contemplou-se nos rios, a admirar os chifres da sua cabeça, mas lamentando a fraqueza das suas patas. E, enquanto honrava e criticava a sua própria natureza, os caçadores aproximaram-se. O veado, então, com as pernas que criticava, conseguiu escapar; porém, devido aos chifres que elogiava, foi capturado.

## 19. Μῦθος ὁ τοῦ κολιοῦ παραινῶν μὴ μειζόνων ἐρᾶν

Ἀετὸς ἀρνίον ἀρπάσας ἐντεῦθεν ἐτρέφετο: κολιοὺς δὲ τις ἑωρακῶς ἐνεχείρει τοῖς ἴσοις καὶ καταπτὰς ἐπὶ ποιμήνῃ, τῶν κριῶν λαβεῖν ἐπειρᾶτο τὸν μέγιστον καὶ περιπαρεῖς τοῖς ἐρίοις τοὺς ὄνυχας, ἐάλω μᾶλλον ἢ θηρᾶσαι δεδύνηται.

Τὸ μείζον ἀεὶ τοῖς καταδεεστέροις καθέστηκε σφαλερόν.

FÁBULA DA GRALHA, QUE ACONSELHA A NÃO COBIÇAR O QUE ESTÁ ACIMA DAS PRÓPRIAS CAPACIDADES

Uma águia, tendo arrebatado um cordeiro, alimentava-se dele. Uma gralha, ao presenciar o facto, tentou imitá-la: lançou-se sobre um rebanho e procurou agarrar o maior dos carneiros. Porém, ao tentar agarrar os cascós deste, ficou preso, mais do que seria capaz de caçar. O que é maior está sempre além do alcance dos mais fracos.

**20. Μῦθος ὁ τῆς ἀλώπεκος παραινῶν μὴ βλέπειν τὰ μείζονα**

Ἀλώπηξ λέοντι συνῆν ἐν ὑπηρέτου προσχήματι καὶ ἡ μὲν ἄγρας ἐμήνυεν, ὁ δὲ ἐπιπίπτων ἐλάμβανεν: ἐκατέρω τοίνυν πρὸς τὴν ἀξίαν διηρεῖτο μερίς. ζηλοτυπήσασα δὲ ἡ ἀλώπηξ τῶν πλειόνων τὸν λέοντα, θηρᾶν ἀντὶ τοῦ μηνύειν ἤρεῖτο, καὶ πειρωμένη ποιίμνης τι λαβεῖν, κατέστη πρώτη τοῖς θηρῶσιν εἰς θήραμα.

Ἄρχεσθαι μᾶλλον ἀσφαλῶς ἄμεινον ἢ κρατεῖν σφαλερῶς.

FÁBULA DA RAPOSA, A ADVERTIR A NÃO AMBICIONAR O QUE EXCEDE AS PRÓPRIAS FORÇAS

Uma raposa acompanhava o um leão, a servir de ajudante e, enquanto ela indicava o local da caça, ele, investindo, apanhava a presa. Assim, ambos partilhavam a recompensa, segundo o seu mérito. No entanto, a raposa, invejando o leão, que recebia a maior parte da caça, preferiu caçar em vez de apenas indicar. E, ao tentar capturar uma ovelha de um rebanho, acabou por se tornar a primeira presa dos animais.

É mais seguro começar com prudência do que conquistar de forma perigosa.

**21. Μῦθος ὁ τῶν προβάτων παραινῶν ἀπατῶσι μὴ πείθεσθαι**

Οἱ λύκοι πρὸς τὰ πρόβατα· τί δὲ ἡμῖν ἄσπονδος αἰεὶ καὶ ἀκήρυκτος πόλεμος; αἴτιοι δὲ οἱ κάκιστα ἀπολούμενοι κύνες, οἱ προσιόντας μὲν ἡμᾶς ὑλακτοῦσιν, οὐδὲν δὲ ἡδίκηκόςτας συγκρούουσιν· ἀλλ' εἰ τούτους ἐκποδῶν καταστήσετε, σπονδαὶ ἐθένδε καὶ διαλλαγαὶ καταστήσονται. εἶπον εἰς ἀπάτην, τὰ δὲ ραδίως ὑπήγετο· καὶ οἱ μὲν κύνες ἐλήλαντο, αὐτὰ δὲ ἔρημα φυλακῆς διεφθείρετο.

Ἐχθροῖς πειθαρχῶν ὑποστεήση τὸν κίνδυνον.

FÁBULA DOS LOBOS QUE ADVERTE AS OVELHAS A NÃO SE DEIXAREM ENGANAR

Os lobos disseram às ovelhas: "Por que razão existe sempre uma guerra incessante e sem trégua entre nós? São os cães, aqueles que, com a maior maldade, nos culpam. Quando nos aproximamos, eles latem contra nós, mesmo sem termos causado mal. Mas, se conseguirmos afastá-los, farão tréguas e irão estabelecer uma aliança." Assim, com palavras enganosas, as ovelhas foram facilmente ludibriadas. Os cães partiram, enquanto as ovelhas, desprotegidas, foram deixadas vulneráveis.

Quando se obedece aos inimigos, o perigo aumenta.

**22. Μῦθος ὁ τῆς ἐλαίας καὶ τῆς συκῆς σωφρονεῖν παραινῶν τῇ νεότητι**

Ἐλαία κατεγέλα συκῆς, ὡς αὐτὴ μὲν ἀνθοῦσα πρὸς ἅπασαν ὥραν, συκῆς δὲ τὸ ἄνθος συµμεταβαλλούσης ταῖς ὥραις. αἷς καὶ καταρρυεῖσα χιών, τὴν μὲν ἐλαίαν κομῶσαν εὐ ροῦσα, τοῖς θαλλοῖς ἐνιζάνουσα, σὺν τῷ κάλλει καθάπαξ ταύτην διέφθειρε: τὴν δὲ φύλλον εὐροῦσα γυμνήν, οὐδὲν ἡδίκηει πρὸς γῆν ὑ πορρέουσα. Κάλλος μὴ σωφρονοῦν τοῖς κεκτημένοις καθέστηκεν ὄνειδος.

FÁBULA DA OLIVEIRA E DA FIGUEIRA A EXORTAR À PRUDÊNCIA NA JUVENTUDE

A oliveira zombava da figueira, porquanto ela mesma florescia durante toda a estação, enquanto a figueira fazia depender a floração das estações. Quando a neve a cobriu, encontrou a oliveira frondosa, concentrou-se nos seus ramos e, juntamente com a

sua beleza, destruiu-a por completo. A figueira, porém, ao encontrar-se despojada de folhas, nada sofreu com a neve que escorria para o solo.

A beleza que não é acompanhada de temperança torna-se uma vergonha para quem a possui.

### 23. Μῦθος ὁ τῶν λαγωῶν τοὺς ἀτυχοῦντας ψυχαγωγῶν

Θάνατον ἑαυτῶν κατεψηφίζοντο λαγωοὶ καὶ τελευτᾶν μὲν ἐδόκει, τὸ δὲ ὅποι, ζητεῖν ὑπελείπετο. λίμνην δὲ τῷ θανάτῳ προσήκοντα χῶρον ὀρίσαντες, ἔθεον ἅπαντες ὡς παρὰ ταύτην ἀποθανούμενοι. προσιόντων δέ, τὸν κτύπον οὐκ ἤνεγκαν οἱ παρὰ τὰς ὄχθας διατρίβοντες βάρτραχοι, τοὺς δὲ τῆς λίμνης μυχοὺς κατελάμβανον: καὶ δὴ πρεσβύτης ἑωρακῶς λαγῶς· λελύσθω ἔφη τοῦ θανάτου ἡ ψήφος· πεφήνασι γὰρ ἡμῶν ἀνανδρότεροι.

Ψυχαγωγῶσι τοὺς ἀτυχήσαντας οἱ μᾶλλον κακοπραγήσαντες.

#### FÁBULA DOS COELHOS QUE DISTRAÍAM OS DESAFORTUNADOS

Os coelhos, que já se haviam conformado com a inevitabilidade da sua morte, pensavam que o fencimento se aproximava, mas não sabiam exatamente onde iria ocorrer. Então, determinaram que o lugar onde morreriam seria uma lagoa. Começaram todos a correr na sua direção, acreditando que ali encontrariam a morte. No entanto, ao aproximarem-se, os sapos que se encontravam junto às margens não conseguiram suportar o barulho e precipitaram-se para os cantos mais recônditos da lagoa. Por conseguinte, um coelho idoso, ao ver aquilo: “Revogue-se – afirmou – o voto de morte, pois há quem se tenha revelado mais covarde do que nós”.

Consolam os desventurados aqueles que sofreram ainda maiores infortúnios.

### 24. Μῦθος ὁ τοῦ βατράχου παραινῶν κρίνειν πρὸ τοῦ κέρδους τὸν ὑπισχνούμενον

Βάτραχος τῆς τῶν ἰατρῶν κατηλαζονεύετο τέχνης, πάντα μὲν εἰδέναι φάρμακα γῆς ὑπισχνούμενος, πᾶσι δὲ μόνος εἰς ὑγίαν ἀρκέσειν: καὶ παραστῶσα τοῖς λόγοις ἀλώπηξ, τὸ ψεῦδος ἀπὸ τοῦ χρώματος ἤλεγχε· τί δὴτα λέγουσα νόσου μὲν τοὺς ἄλλους ἐλευθεροῖς, νόσου δὲ φέρεις ἐπὶ τῆς ὀψεως σύμβολον;

Αλαζονεία τὸν ἔλεγχον οἴκοθεν εὔρατο.

#### FÁBULA DO SAPO, ACONSELHANDO A JULGAR ANTES DE PROMETER O LUCRO

Um sapo vangloriava-se da arte dos médicos, afirmando conhecer todos os fármacos da terra e ser o único capaz de proporcionar saúde a todos. Mas uma raposa, que estava a ouvir tais palavras, desmascarou a mentira pelo seu aspeto: “Porque será – disse – que libertas os outros da doença, mas trazes na aparência o sinal da enfermidade?”

A arrogância, sendo confrontada, foi desmascarada.

### 25. Μῦθος ὁ τοῦ λύκου παραινῶν μὴ φαύλους εὐεργετεῖν

Λύκῳ περιπέριεται ὁστέον τῷ φάρυγγι καὶ ἐζήτει τὸν ἰασόμενον. ἐκάστου δὲ τὴν πρὸς αὐτὸν ἴασιν φεύγοντος, μόνη τῶν ἄλλων ἐπὶ μισθῷ ὑπέσχετο ποιήσειν ἡ γέρας καὶ θεῖσα τὴν κεφαλὴν, ἐξαιρεῖται τοῦ πάθους τὸν λύκον: καὶ προσαιτουμένη μισθὸν τῆς ἰάσεως, ἀρκούντα μισθὸν ὁ λύκος ἔλεγεν ἔειν τὴν κεφαλὴν ἀπὸ λύκου στόματος ἀκέραιον.

Πονηροὶ σωθέντες ἀδικοῦσι τοὺς σώσαντας.

#### FÁBULA DO LOBO A ACONSELHAR A NÃO BENEFICIAR OS MAUS

Um osso ficou preso na garganta de um lobo, e este procurava quem o curasse. Como todos se recusassem a fazê-lo, apenas um grou, entre os demais, prometeu

socorrê-lo, mediante retribuição. Introduzindo, pois, a cabeça, libertou o lobo do seu sofrimento. Quando, então, reclamava o pagamento pela cura, o lobo respondeu que já fora retribuído de forma suficiente, por ter retirado incólume a cabeça da boca de um lobo.

Os maus, uma vez salvos, retribuem o benefício com injustiça.

## 26. Μῦθος ὁ τῶν μυῶν παραινῶν στέργειν τὰ μέτρια

Μῦς ἀρουραῖος ἀστικῶ γίνεται φίλος μυί, καί τήν φιλίαν πιστούμενος, πρῶτος εἰς ἀγρόν τὸν ἀστικὸν παρελάμβανε καὶ ξενίαν αὐτῶ παρετίθει καὶ τράπεζαν, ἃ φέρειν οἶδε τοῖς ἐνοικοῦσιν ἀγρόν. ἀμειβόμενος δὲ τήν ξενίαν ὁ ἀστικός, εἰς ἄστῦ τὸν ἀρουραῖον ἐκόμιζε, καὶ εἰς ἀνδρὸς εὐπόρου παρελάμβανεν οἶκον: ὡς δὲ τῶν ὄντων ὄρμα προσάπετεσθαι, προσιών τις ἀνέκοπτε, καὶ τοσαυτάκις τῆς ἐν τοῖς ὄψοις ἀπηλαύνοντο πείρας, ὅσάκις ἐπειρῶντο μεταλαμβάνειν, καὶ τελευταῖον ὁ ἀρουραῖος· ἄπειμι ἔφη τὴν ἐν ἀγροῖς προτιμῶν μετριότητα τῆς ἐν ἄστει τρυφῆς.

Οὕτως οἱ μέτρια κτώμενοι καὶ τῶν πλουτούντων εἰσὶν αἰρετώτεροι.

### FÁBULA DOS RATOS, A EXORTAR A CULTIVAR A MODERAÇÃO

Um rato do campo tornou-se amigo de um rato da cidade e, confiando na amizade, foi o primeiro a recebê-lo no campo, oferecendo-lhe hospitalidade e uma mesa com aquilo que o campo sabia fornecer aos seus habitantes. Por seu turno, o rato da cidade, retribuindo a hospitalidade, levou o rato do campo à cidade e introduziu-o na casa de um homem abastado. Mal se dispunham a lançar-se sobre os manjares disponíveis, logo alguém se aproximava e os interrompia. E, tantas vezes quantas tentavam provar as iguarias, noutras tantas viam-se perturbados. Por fim, o rato do campo disse: "Parto. Prefiro a simplicidade do campo ao luxo da cidade."

Desta forma, os que adquirem com moderação mostram-se mais recomendáveis do que aqueles que prosperam em riqueza.

## 27. Μῦθος ὁ τῶν μελισσῶν καὶ τοῦ ποιμένος παραινῶν πονηροῖς μὴ τίθεσθαι κέρδεσιν

Ἐν κοίλῃ δρυὶ μέλι κατειργάζοντο μέλισσαι, ποιμὴν δὲ τις αὐταῖς ἐργαζομέναις περιτυχῶν, ἀφελέσθαι προηρεῖτο τοῦ μέλιτος. αἱ δὲ ἄλλοτε ἄλλως περιπτάμεναι, αὐτὸν ὤθουν τοῖς κέντροις: καὶ τελευτήν ὁ ποιμὴν· ἄπειμι ἔφη μὴδὲν δεόμενος μέλιτος, εἰ δεῖ μελίσσαις περιτυχεῖν.

Τὰ κακὰ κέρδη τοῖς διώκουσι κίνδυνος.

### FÁBULA DAS ABELHAS E DO PASTOR, ACONSELHANDO NÃO PROCURAR LÚCRO PROVENIENTE DOS PERVERSOS

Na cavidade de um carvalho, as abelhas encontravam-se a produzir mel. Um pastor, ao vê-las a trabalhar, decidiu apropriar-se do mel. Mas as abelhas, zumbindo em redor e voando de um lado para o outro, com os seus ferrões, investiam contra ele. Por fim, o pastor referiu: "Retiro-me! Prefiro não ter mel a correr o risco de ser atacado pelas abelhas."

Os ganhos desonestos acarretam perigo para quem os procura.

## 28. Μῦθος ὁ τοῦ ἀετοῦ καὶ τοῦ δράκοντος παραινῶν ἀρχεσθαι χάριτος

Δράκων καὶ ἀετὸς συμπλακέντες ἀλλήλοις ἐμάχοντο, καὶ ὁ μὲν δράκων εἶχε τὸν ἀετὸν συλλαβῶν. γεωργὸς δὲ ἰδὼν, λύσας τὴν πλοκὴν τοῦ δράκοντος, αὐτόνομον ἀφῆκε τὸν ἀετὸν. χαλεπήνας δὲ ἐπὶ τούτοις ὁ δράκων, ἰὼν ἐπαφῆκε τῶ τοῦ σώσαντος πόματι: πιεῖν δὲ τοῦ γεωργοῦ πρὸς ἄγνοιαν μέλλοντος, ὁ ἀετὸς καταπτὰς τῶν τοῦ γεωργοῦ χειρῶν ἐξαιρεῖται τὴν κύλικα.

Τοὺς εὖ ποιοῦντας μένουσι χάριτες.

FÁBULA DA ÁGUIA E DO DRAGÃO, A EXORTAR A COMEÇAR COM GRATIDÃO.

O dragão e a águia, após uma luta entre si, entraram em combate, e o dragão conseguiu capturar a águia. Um agricultor, ao ver, libertou a águia ao desatar os nós com que o dragão a tinha aprisionado. O dragão, zangado com o que acontecera, deitou veneno na bebida do agricultor. Quando o agricultor, sem saber, se preparava para beber, a águia, voando rapidamente, retirou a taça do agricultor.

As graças permanecem com aqueles que fazem o bem.

**29. Μῦθος ὁ τοῦ κόρακος καὶ τῆς ἀλώπεκος παραινῶν ἀπατῶσι μὴ πείθεσθαι**

Τῷ κόρακι θήραμα τυρὸς ἦν καὶ ἐν μετεώρῳ φέρων ἐκάθητο. ἰδοῦσα δὲ ἀλώπηξ ἀπάτη περιενόσκει τὸν κόρακα· τί ταῦτα ; λέγουσα μετριότητι μὲν, ᾧ κόραξ, διενήνοχας σώματος. χροιάν δὲ φέρεις τῇ τῶν ὀρνέων ἡγεμονία προσήκουσαν· εἰ δὲ καὶ φωνὴ παρῆν, ἅπασαν εἶχες τὴν τῶν ὀρνίθων ἀρχήν. ταῦτα δὲ εἶπε πρὸς ἀπάτην. ὁ δὲ ὑπαχθεὶς, τὸν τυρὸν ἐκβαλὼν, ἀνέκραγε μέγιστον, φωνῆς ἐπίδειξιν, τὴν ἀφαίρεσιν ποιῶν τοῦ θηράματος. ἡ δὲ λαβοῦσα: φωνὴ μὲν, ᾧ κόραξ, εἶπε προσῆν, ὁ δὲ νοῦς ἐπιλέλοιπεν.

Ἐχθροῖς πειθαρχῶν ὑποστήσει τὴν βλάβην.

FÁBULA DO CORVO E DA RAPOSA, ACONSELHANDO A NÃO CONFERIR CRÉDITO EM ENGANOS.

O corvo tinha como presa um pedaço de queijo e, transportando-o no bico, pousou num ramo elevado. Ao vê-lo, a raposa acercou-se, com o intento de ludibriar o corvo: “O que é isto?! – disse – Corvo, com moderação, transportas o teu corpo. E trazes uma plumagem digna da realeza das aves. Se a tua voz também fosse condizente dominarias todas as aves.” Afirmou isto com dolo. Este, seduzido pela lisonja, deixou cair o queijo e, em seguida, soltou um estrondoso grasnido, como demonstração da sua voz. Contudo, perdeu a presa. A raposa, apoderando-se dela, referiu: “Corvo, a voz estava presente, mas o juízo abandonou-te.”

Obedecendo aos inimigos, sofrerás o dano.

**30. Μῦθος ὁ τῆς συρὸς ἐκάστῳ διδοῦς τὰ οἰκεία μαθεῖν**

Ἐξ ἀγροῦ τις ἠγρευσεν σὺν, αἶγα καὶ πρόβατον: ὄνος δὲ πάντα ἤγεν εἰς ἄστν· καὶ τὰ μὲν ἄλλα καθῆστο σιγῇ, μόνη δὲ ἡ ὕς μεγέθει βοῆς παρηνώχλει τὸν ἄγοντα. καὶ ὡς πρὸς αὐτήν· τί δήτῃ ἔφη κομιδὴν ἡσυχον ἅμα τοῖς ἄλλοις οὐκ ἄγει; ὅτι γάλακτος μὲν ἔνεκεν αἶξ, ἐρίων δὲ χάριν ἄγεται πρόβατον, ἐγὼ δὲ σφαγῆς προσεῖπεν ἡ ὕς.

Οἶδε τὴν πρόφασιν ἕκαστος τὴν ἰδίαν.

FÁBULA DA PORCA QUE ENSINA CADA UM A CONHECER OS SEUS PRÓPRIOS INTERESSES

De um campo, alguém levou uma porca, uma cabra e uma ovelha. Por seu turno, um burro conduzia todos eles até à cidade. Enquanto os outros seguiam em silêncio, apenas a porca, devido ao seu tamanho, perturbava o condutor com os seus gritos. Ele, então, dirigiu-se a ela: “Porque é que – referiu – não fazes a viagem quieta, como os outros?” A porca respondeu: “A cabra é levada pelo leite, a ovelha pela lã, e eu, para o sacrifício.”

Cada qual conhece o que lhe pertence.

**31. Μῦθος ὁ τοῦ κολιοῦ παραινῶν τὴν πλεονεξίαν μισεῖν**

Κάλλους ἦν ἀγών καὶ παρὰ τῷ Διὶ κριθησόμενοι πάντες οἱ ὄρνεις ἐφοίτων: Ἐρμού δὲ τὴν κυρίαν ὀρίζοντος, ποταμούς τε καὶ λίμνας ἅπαντες κατελάμβανον,

τὰ μὲν φαῦλα τῶν πτερῶν ἀποβάλλοντες, τὰ δὲ κρείττω φαιδρύνοντες. κολιοὺς δὲ οὐδὲν εὐπρεπὲς ἔχων ἀπὸ τῆς φύσεως, ἃ τῶν ἄλλων ἐξέπιπτε, ταῦτα οἰκεῖον συνέθηκε κόσμον. γλαῦξ δὲ μόνη ἐπιγνοῦσα, τὸ ἑαυτῆς ἀφηγεῖτο τὸν κολιοῦν καὶ τὰ ἄλλα πράττειν ἀνέπειθεν. ἀφαιρεθεὶς δὲ τὰ παρὰ πάντων ὁ κολιοῦς, γυμνὸς εἰς τὴν Διὸς ἀφίκετο κρίσιν.

Νόμος ἐπέισακτος αἰσχύνῃ τοῖς ἔχουσιν.

#### FÁBULA DA GRALHA, ACONSELHANDO À ABOMINAÇÃO DA AVAREZA

Havia uma competição de beleza entre todos os pássaros, os quais se apresentaram perante Zeus para serem julgados. Quando Hermes fixou as suas normas de julgamento, todos os pássaros despojaram-se das penas mais feias e realçaram as melhores. A gralha, não possuindo nenhum atributo gracioso da natureza, tomava para si o que caía dos outros e fazia desses elementos um ornamento seu. A coruja, percebendo a falsidade, retirou ao cuco o que lhe era próprio e persuadiu-a a mudar o seu comportamento. Despojada das penas dos outros, a gralha, agora nua, apresentou-se perante Zeus para ser julgada.

Uma lei imposta é uma vergonha para aqueles que a têm.

### **32. Μῦθος ὁ τοῦ τοξότου λέγων πλείονα τὴν ἐπιβουλήν τῶν οἰκεῖων ἀνδρῶν**

Τοξότης ἀετοῦ κατεστοχάζετο καὶ βέλος ἀφείς, εἶλε τὸν ἀετόν: ἐπιστραφεὶς δὲ ὁ ἀετὸς καὶ τὸ βέλος ἰδὼν ἐπτερωμένον τοῖς οἰκεῖοις πτεροῖς, ἔφη· τὰ παρ' αὐτοῦ τοῖς πολλοῖς πραγμάτων οἰκεῖων ἐπιβουλή.

#### FÁBULA DO ARQUEIRO, A REFERIR QUE O MAIOR PERIGO VEM DOS PRÓPRIOS HOMENS

Um arqueiro, ao apontar para uma águia, lançou uma flecha e atingiu-a. No entanto, ao virar-se, a águia, vendo a flecha presa nas suas próprias penas, proferiu: "Frequentemente, a ameaça do que é próprio tem origem em si mesmo."

### **33. Μῦθος ὁ τοῦ ἀλιέως καὶ τοῦ αὐλητοῦ παραινῶν ταῖς τέχναις προσφόρως χρῆσασθαι**

Ἀνὴρ ἀλιεὺς ὁμοῦ καὶ αὐλεῖν ἐπιστάμενος, τοὺς αὐλοὺς λαβὼν καὶ τὰ δίκτυα παρὰ τὴν θάλασσαν, οὐδὲν εἶχε λαβεῖν: ὡς δὲ τοῖς αὐλοῖς ἠπόρει θηρᾶν, τούτους ἀφείς ἐπὶ τὸ δίκτυον ἦει καὶ χρώμενος εἶλεν οὐς αὐλῶν οὐκ ἐθήρασε.

Πέρασ αἱ τέχναι τοῖς προσήκουσι πράγμασι νέμουσιν.

#### FÁBULA DO PESCADOR E DO AULETA, A ACONSELHAR A USAR AS ARTES DE MODO CONVENIENTE

Um homem, que era simultaneamente pescador e conhecedor da arte de tocar aulos<sup>19</sup>, tomou consigo tanto os aulos como as redes e dirigiu-se para junto do mar, mas nada conseguiu apanhar. Como ao som dos aulos não lograsse caçar nada, deixou os instrumentos e voltou-se para as redes, e, servindo-se delas, capturou aqueles que não conseguira apanhar com os aulos.

As artes atingem o seu propósito quando aplicadas aos assuntos que lhes são próprios.

### **34. Μῦθος λέοντος καὶ ἀνθρώπου παραινῶν δικαιοσύνην ἀγαπᾶν καὶ μὴ μεγαλαυχεῖν**

Εἰς ἔριν ἀλλήλοισ ἀνὴρ τε καὶ λέων προήλθον καὶ ὁ μὲν ἀνὴρ τὸ τῶν ἀνθρώπων κρείττον ἀπέφαινε γένος, ὁ δὲ τοῖς λέουσιν ἐδίδου τὸ πλεόν. ἀμιλλωμένων δὲ περὶ τοῦ κρείττονος, πίστιν ὁ ἀνὴρ ἐξ εἰκόνας ἐλάμβανεν, ἐν ἧ λέων ἐγέγλυπτο ἐξ ἀνδρὸς ἀλισκόμενος: καὶ πρὸς ἐκεῖνον ὁ λέων· εἰ δὲ καὶ παρ'

ἡμῖν ἦσαν γλύφοντες, πλείους ἂν εἶδες ἐαλωκότας ἐκ λεόντων ἀνθρώπους ἢ παρὰ ἀνθρώπων λέοντας.

Ὁ τοῖς ἴσοις δικαίως χρώμενος οὐκ ἀπορήσει τῆς νίκης.

#### MITO DO LEÃO E DO HOMEM, A INCITAREM A AMAR A JUSTIÇA E A NÃO SER ARROGANTE

Um homem e um leão envolveram-se numa disputa. O homem defendia a superioridade da raça humana, enquanto o leão atribuía a primazia à sua própria espécie. Enquanto discutiam sobre quem seria o mais forte, o homem apresentou como prova uma estátua na qual se via um leão capturado por um homem. Mas o leão disse-lhe: “Se entre nós também houvesse escultores, verias muito mais homens capturados pelos leões do que leões pelos homens.”

Aquele que age com justiça para com os seus iguais não deixará de alcançar a vitória.

#### **35. Μῦθος τοῦ κυνὸς παραινῶν ἀπληστίαν φεύγειν**

Κρέας ἀρπάσας τις κύων, παρ' αὐτὴν διήει τὴν ὄχθην τινὸς ποταμοῦ καὶ θεωρῶν τὴν σκιὰν διπλασίαν τοῖς νόμασι, ὁ μὲν εἶχεν, ἀφήκεν: πειρώμενος δὲ λαβεῖν τὸ μείζον, συνδιαμαρτάνει μετὰ τοῦ μετρίου τοῦ πλείονος.

Τὸ ἐν χειρὶ μικρὸν τοῦ ἐλπίζομένου μείζονος κρεῖσσον.

#### FÁBULA DO CÃO, A ACONSELHAR A FUGIR À GANÂNCIA

Um cão, tendo agarrado um pedaço de carne, atravessava a margem de um rio. Ao ver refletida nas águas, uma sombra que lhe parecia ser o dobro do que trazia, deixou cair o que tinha e tentou apanhar o pedaço maior.

O pouco que se tem nas mãos vale mais do que o muito que se espera.

#### **36. Μῦθος ὁ τῆς δρυὸς καὶ τοῦ καλάμου παραινῶν μὴ ἰσχύι θαρρεῖν**

Εἰς ἔριν δρυὶ καθίστατο κάλαμος: ἡ μὲν γὰρ ἑαυτὴν τῆς ἰσχύος ἐθαύμαζε καὶ πρὸς τὴν τῶν ἀνέμων ἀντέχειν ἠλαζονεύετο μάχην, τῆς δὲ ἀσθενείας κατητιᾶτο τὸν κάλαμον. εἶκειν ἅπασιν πεφυκότα τοῖς πνεύμασι. ταύτη τοι καὶ πνεύσαντος ἀνέμου σφοδρότερον, ἡ μὲν πρόρριζος ἀνθεστῶσα κατέπεσεν, ὁ δὲ ἀκέραιος κατακλινόμενος ἔμεινεν.

Ὁ καιροῖς ὑπέικων οὐκ ἐκπεσεῖται τοῦ σώζεσθαι.

#### FÁBULA DO CARVALHO E DO CÁLAMO, ADVERTINDO A NÃO CONFIAR NA FORÇA

O carvalho e o cálamo entraram em disputa. O carvalho, maravilhado com a sua própria robustez, vangloriava-se da sua resistência face ao embate dos ventos e zombava da fragilidade do cálamos, que se vergava. Sucede, porém, que, ao soprar um vento mais impetuoso, o carvalho, por resistir com firmeza, foi arrancado pela raiz e caiu; o cálamos, por se ter inclinado, permaneceu intacto.

Quem cede ao momento oportuno não será privado da salvação.

#### **37. Μῦθος τῆς ἀμπέλου**

Ἄμπελος ἐκόμα βότρουσι, παραπλήσιον δὲ ἦν καὶ τὸ βλάστημα: τράγος δὲ τις ὕβρει χρώμενος πλείονι τῆς ἀμπέλου παρέτρωγε καὶ διελυμαίνετο προσιῶν τοῖς βλαστήμασιν· ἡ δὲ πρὸς αὐτὸν εἶπεν· μένει σε τῆς ὕβρεως δίκη· σὺ μὲν γὰρ ἔση μικρὸν ὕστερον ἰερεῖον τοῖς θύμασιν, ἐγὼ δὲ παρ' ἑμαυτῆς ἀντισπείσω τὸν οἶνον.

Ἄ δρᾷ τις καὶ πείσεται.

#### FÁBULA DA Videira

A videira estava a engalanar se com cachos, e os seus rebentos eram ainda tenros. Porém, um bode, entregando-se à insolência, devorava em demasia a planta e estragava-

a, chegando até aos rebentos. Disse-lhe então a videira: “Está-te reservada a pena da insolência, porquanto tu, dentro em breve, serás oferenda sacrificial, e eu, da minha parte, derramarei o vinho em tua substituição.”

Quem pratica a ação também sofrerá.

### 38. Μῦθος ὁ τοῦ γεωργοῦ καὶ τῆς ἀλώπεκος

Γεωργῶ πονηρῶ φθόνον ἐνεποιεῖ τὸ τοῦ γείτονος αὐξανόμενον λήϊον, καὶ διαφθείρειν τοὺς ἐκείνου πόρους ἐζήτει καὶ θηράσας ἀλώπεκα, προσάψας δαλόν, πρὸς τὸ τοῦ γείτονος ἀφήισι λήϊον: ἡ δέ, καθ' ἣν ἀφείτο, μὴ παριούσα βουλομένου τοῦ δαίμονος, τὸ τοῦ πέμψαντος ἐνέπρησε λήϊον.

Πονηροὶ γείτονες πρῶτοι τῆς ἐτέρων μετέχουσι βλάβης.

#### FÁBULA DO AGRICULTOR E DA RAPOSA

A um lavrador perverso causava inveja a abundância da seara do vizinho, e procurava destruir o fruto do seu labor. Tendo capturado uma raposa, atou-lhe um facho aceso e soltou-a sobre a seara do vizinho. Porém, a raposa, desviando-se do caminho traçado — por vontade divina — acabou por incendiar a seara daquele que a enviara.

Os vizinhos perversos são os primeiros a sofrer o mal que destinam aos outros.

### 39. Μῦθος ὁ τῆς τροφοῦ τοῦ λύκου τε παραινῶν μὴ ἐλπίδι μένειν πρὸ ἐκβάσεως

Τηθῆν ἐλύπει δαρκύον παιδίον, ὡς δὲ ἐνοχλούμενον οὐκ ἐπαύετο, ἠπεῖλει λύκῳ παραβαλεῖν εἰ μὴ παύσαιτο: λύκος δέ τις παρατυχῶν, ἔμενε τὸν λόγον ἐκβῆναι πρὸς ἔργον. καὶ τὸ μὲν παιδίον ἐδεδώκει πρὸς ὕπνον, κενὸς δὲ ὁ λύκος ἀπεχώρει θήρας τῆς τε παρούσης καὶ τῆς ἀλλαχόθεν ἐλπιζομένης γενήσεσθαι.

Ἄπορον ἐλπίς μὴ προσλαβοῦσα τὴν ἔκβασιν.

#### FÁBULA DA AMA E DO LOBO, QUE ACONSELHA A NÃO CONFIAR NA ESPERANÇA ANTES DO RESULTADO

Uma certa ama exasperada pelo choro de uma criança, e não conseguindo aplacá-lo, ameaçava entregá-la a um lobo, caso não cessasse. Ora, um lobo que ali passava por acaso, ao escutar tais palavras, permaneceu à espreita, aguardando que a ameaça se consumasse em ação. Contudo, uma vez que a criança acabou por adormecer, o lobo afastou-se sem conseguir caçar, nem a presa presente nem a que ele esperava alcançar.

Vã é a esperança que não se vê confirmada pelo resultado

### 40. Μῦθος ὁ τοῦ κόρακος παραινῶν τῇ φύσει πειθαρχεῖν

Ἐωρακῶς τὸν κύκνον ὁ κόραξ ἐζήλου τοῦ χρώματος: οἰηθεὶς δὲ εἶναι τοιοῦτον οἷς ἀπελούετο, τοὺς βῶμους ἐκλιπῶν ὅθεν ἐτρέφετο, λίμναις καὶ ποταμοῖς ἐνδιέτριβεν, καὶ τὸ μὲν σῶμα φαιδρύνων οὐκ ἤμειβεν, τροφῆς δὲ ἀπορῶν διεφθείρετο.

Φύσιν οὐκ οἶδε μεταβάλλειν ἡ δίαιτα.

#### FÁBULA DO CORVO, QUE EXORTA A OBEDECER À NATUREZA

Vendo o cisne, o corvo invejou-lhe a brancura; e, persuadido de que se tornaria semelhante banhando-se, abandonou os pilares onde se alimentava e passou a frequentar lagos e rios. Porém, embora limpasse o corpo, não alterou a cor, e, privado do sustento, acabou por perecer.

A dieta não sabe alterar a natureza.

## Summatim

Embora a colocação de Aftónio no quadro da Segunda ou da Terceira Sofística se revele uma questão discutível e complexa, na medida em que envolve elementos cronológicos, estilísticos e pedagógicos, poderá considerar-se o fabulário reportado a Aftónio enquanto produto literário da terceira sofística<sup>20</sup>. Em todo o caso, excede o foro lúdico e espaço meramente formativo. Por certo um exercício utilitário para educação bizantina de nível superior, rememora um espaço helénico e romano, promovendo uma imagética moralizante, cuja adaptação política reflete a distinção civilizacional corrente na antiguidade clássica<sup>21</sup> que ditaria o juízo ‘discriminativo’ e com laivos de ‘xenofobia’ entre helénicos e bárbaros. Em época bizantina, poderá outrossim denunciar vícios sociais correntes, configurando-se, de certa forma, como um arauto crítico do período bizantino em que se inscreve (cf. segunda metade do século IV, entre o final da dinastia constantiniana, a dinastia valenciana e o início da dinastia teodosiana)<sup>22</sup> e, em última instância, enquanto manifesto político sob uma inocência fabular.

No contexto da instrução retórica avançada bizantina, os géneros *μῦθοι*, *γνῶμαι* e *παροιμῖαι* transcendem a mera função ornamental para constituírem modos retóricos autónomos e interligados, edificando uma arquitetura ideológica fundamentada na paideia clássica e na pedagogia sofística. Estes elementos reativam o capital simbólico e educativo da tradição greco-romana, adaptando-o aos imperativos morais da Antiguidade Tardia cristianizada, perpetuando, assim, a tensão estrutural entre Helenos e Bárbaros, matriz discursiva que moldou a construção da identidade, da ortodoxia e da legitimidade moral nesta época de profundas transformações.

Todavia, o projeto pedagógico de Aftónio excede as fronteiras do mero didactismo, revelando-se também como um comentário velado sobre as convulsões sociopolíticas que marcaram os finais dos reinados de Constantino e Valentiniano. Inseridos num quadro de desigualdade crescente, corrupção institucional e fragmentação social, os *Progymnasmata* convertem-se num espaço de resistência ética e de renovação moral, onde a educação retórica emerge como instrumento essencial de reabilitação cívica e cultural.

Adaptando os *exempla* clássicos a uma realidade em mutação, Aftónio delinea uma visão integrada de virtude pessoal e cívica, em que o ethos helénico se harmoniza com os valores cristãos emergentes, conferindo à sua paideia um carácter conservador e reformista simultaneamente. Este programa retórico, embora ostensivamente instrutivo, é também uma resposta implícita aos desafios políticos e morais do seu tempo, afirmando a educação como um meio

privilegiado para a transmissão da virtude, do dever religioso e da estabilidade hierárquica num mundo cada vez mais fragmentado.

Assim, Aftónio não se limita a ser um transmissor da herança retórica clássica, mas assume um papel central na transição cultural da Antiguidade Tardia, alinhando-se com figuras como Basílio de Cesareia e João Crisóstomo, e antecipando o discurso normativo bizantino que se consolidará nos séculos seguintes. A sua obra prenuncia os imperativos éticos cristalizados no *Codex Theodosianus* e no corpus patrístico, conferindo-lhe um estatuto seminal na consolidação dos valores morais e sociais que definiram o ocidente cristão tardio.

### **Bibliografia**

- CAPELLE, W. (1958). *Die griechische Philosophie*, W. de Gruyter.
- CHIALVA, I. S. (2024). Ficciones emotivas para la educación retórica en tres fábulas de Aftonio. *Revista Nova Tellus*, 42(2), 1-27.
- CONSOLIN, D. (2020). Bábrio e a fábula pedagógica. In J. Baracat Jr. & M. Silva (Eds.), *A Escrita grega no Império Romano: recepção e transmissão* (pp. 157-178). Editora da UFRGS.
- CRIBIORE, R. (2001). *Gymnastics of the Mind: Greek Education in Hellenistic and Roman Egypt*, Princeton University Press.
- EYRE, J. (1963). Roman Education in the Late Republic and Early Empire. *G&R* 10(1), 47–59.
- GIBSON, C. (2004). Learning Greek History in the Ancient Classroom: The Evidence of the Treatises on Progymnasmata. *CPh*, 99(2), 103–129.
- GREGORY, T. (2005). *A History of Byzantium*. *Blackwell History of the Ancient World*. Blackwell Publishing.
- JAMES, L. (2013). *A Companion to Byzantium*. Wiley-Blackwell,.
- JULLIEN, É. (1885). *Les professeurs de littérature dans l'ancienne Rome et leur enseignement depuis l'origine jusqu'à la mort d'Auguste*. Leroux.
- LEFKOWITZ, J. (2022). Fabulous Style: Learning To Compose Fables In The *Progymnasmata*. In A. Oegema, J. Pater, & M. Stoutjesdijk (Eds.), *Overcoming Dichotomies: Parables, Fables, And Similes In The Graeco-Roman World* (pp. 55-75). Mohr Siebeck GmbH and Co. KG.
- MARROU, H. (1982). *History of Education in Antiquity*. The University of Wisconsin Press.
- PENELLA, R. (2011). The 'Progymnasmata' in Imperial Greek Education. *CW*, 105(1), 77–90.

- PERNOT, L. (2008). Aspects meconnus de l'enseignement de la rhétorique dans le monde greco-romain à l'époque impériale. In H. Hugonnard-Roche (Ed.), *L'enseignement supérieur dans les mondes antiques et médiévaux* (pp. 283-306). J. Vrin.
- POTTER, E. (2021). Learning emotion: the *progymnasmata* and the rhetorical education of the ancient audience”, in Angelos Chaniotis (Ed.), *Unveiling Emotions III. Arousal, Display, and Performance of Emotions in the Greek World* (pp. 281-320). Franz Steiner Verlag.
- RAPPLE, B. (1993). The Early Greek Sophists: Creators of the Liberal Curriculum. *Journal of Thought*, 28(3/4), 61–76.
- RODRÍGUEZ ADRADOS, F. (1987). *Historia de la fábula greco-latina* II. Editorial de la Universidad Complutense.
- SBORDONE, F. (1932). Recensionii Retoriche delle Favole Esopiane. *Rivista Indo-Greco-Italica*, 16(2), 47-68.
- THANIEL, K. (1973). *Quintilian's discussion of the progymnasmata, Institutio Oratoria, Roman Empire, classification, categorization, value*, McMaster University.
- TOO, Y. (2001) *Education in Greek and Roman Antiquity*, Brill.
- VAN DIJK, G.-J. (2010-2011). The rhetorical fable collection of Aphthonius and the relation between theory and practice. *Reinardus*, 23, 186-204.
- VILJAMAA, T. (1988). From Grammar to Rhetoric: First Exercises in Composition according to Quintilian, *Inst.* 1,9. *Arctos*, 22, 179-201.
- VITANZA, V. (1991). Some More Notes, Towards a Third Sophistic. *Argumentation*, 5, 117-139.
- WAGENVOORT, H. (1969). La religion de Virgile by Pierre Boyancé. *Gnomon*, 41(3), 276–282.

### Notas

<sup>1</sup> Vd., do século X: *Bodleian Library Barocci* 50, ff. 377-381. Da décima quarta centúria: *Universitetsbibliotek* Ms. gr. 15, ff. 124, 121r-v. Do século XIII/XIV: Ἐθνικὴ Βιβλιοθήκη τῆς Ελλάδος (EBE) Ms. 1089, ff. 178-179v. Remontam ao século XV: *Biblioteca Nazionale Marciana* (BNM) gr. X. 9 (coll. 1271), ff. 125v; *Biblioteca Apostólica Vaticana* (BAV) Vat. gr. 949, p. 82-92; *Biblioteca Apostólica Vaticana* (BAV) Vat. gr. 1953, ff. 117-124v; *Det Kongelige Bibliotek* Add. 275 4<sup>o</sup>, ff. 1-6v; *Biblioteca Statale* Ms.1427, ff. 56-63; *Biblioteca Ambrosiana* Ms. L 043 sup. (Martini-Bassi 481), ff. 257v-267. Já posteriores, remontam ao século XV/XVI: *Biblioteca Apostólica Vaticana* (BAV) Pal. gr. 156, ff. 78-85. Do século XVI/XVII: *Universitaire Bibliotheken Voss. Misc.* 22, ff. 67--69v; *Universitaire Bibliotheken Voss. Misc.* 22, ff. 70r-v. Do século XVII: *Universitaire Bibliotheken Voss. Misc.* 04, ff. 35v-37. Do século XVIII: Ἐθνικὴ Βιβλιοθήκη τῆς Ελλάδος (EBE) Ms. 1148, ff. 1-158.

<sup>2</sup> No intuito de compreender a relação entre teoria retórica e prática pedagógica no contexto do fabulário atribuído a Aftónio, cf. van Dijk, Gert-Jan (2010-2011: 186-204).

<sup>3</sup> Da escassa informação remanescente a propósito de Aftónio, a *Enciclopédia Bizantina* (α4630) retrata o retórico/σοφιστής enquanto autor de *Progymnasmata*, além de uma pequena coletânea de fábulas. Fócio *Bibl.* 133 menciona outrossim exercícios práticos. É da responsabilidade de João Argirópulo, filósofo e humanista do século XV, a indicação de Aftónio de Antioquia enquanto discípulo de Fasgânio (romano, tio do orador Espectato e Libânio) e do sofista Libânio séc. IV, que, na sua correspondência (a. 392), elogia o seu trabalho. Quanto aos Προγυμνάσματα, estimam-se anteriores ao ano de 391. Ainda assim, associar o *terminus ante quem* à data da destruição de edificações mencionadas no escrito (viz. *Prog.* 12: Serapeu, templo em honra de Ápis deificado – Serapis, Apollod. 2.50.1, erigido por Ptolomeu III, séc. III a.C. e demolido no ano de 389, por ordem de Teófilo, no reinado do imperador Teodósio), pode revelar-se um procedimento erróneo, porquanto a memória permite aludir a realidades independentemente da sua existência física. Cf. Adrados (1987: 234-239), a propósito da importância reconhecida às fábulas atribuídas a Aftónio, demonstrativas da forma como a literatura fabulística foi adaptada para fins educativos, especialmente no contexto do ensino da retórica durante a Antiguidade tardia.

<sup>4</sup> O [προ]γύμνασμα (προ: ‘anterior, preliminar’ – γύμνασμα: ‘exercício’. Lat. *praexercitamina*) constitui um tipo de ‘ginástica mental’ vulgarizado enquanto forma literária instrutiva em prosa, seguindo-se à introdução das artes retóricas. Vd., a propósito da imagética, Philostr. *VS* 601. Cf. Thaniel (1973: 1); Cribiore (2001: 160-244). Ter-se-á incluído de forma institucional no plano de estudos trazido da Hélade para Roma, complementando assim os três vetores julgados necessários ao orador (φύσις, ‘natureza’; ἐπιστήμη, ‘conhecimento’; μελέτη, ‘exercício’ – Pl. *Phdr.* 269d). Cf. Thaniel (1973: 3); Lefkowitz (2022: 55-75).

<sup>5</sup> Cf. Rodríguez Adrados (1987: 221-222).

<sup>6</sup> A designação de ‘fábula’ reporta-se, no original helénico, a μῦθος. Revelar-se-ia extremamente redutor e até erróneo evocar o mito como ‘dito, confabulação’, polo de um suposto antagonismo a λόγος. Porém, tomando o mito enquanto forma metafórica e enigmática de linguagem (cf. Plu. 8.8.3) a serviço de um pragmatismo conservador e facilitador da memória, o cenário adquire contornos distintos. Acresce, então, a necessidade de filtrar no retrato ornamentado verdade e factualidade. Cf. Pl. *Phd.* 61b, *Grig.* 523a. Com efeito, Aftónio não opta por expor uma visão simplista de mito, contemplando diferentes tipologias e funcionalidade lógica que segue quer nos *Progymnasmata*, quer no fabulário que também compõe.

<sup>7</sup> Aftónio contempla um percurso de 14 níveis, desde o desenvolvimento de narrativas (fabulas); *chreiai*; máximas; elaboração de refutações; confirmações; lugares-comuns; encómios: invetivas; síncries; etopeias; écfrases; até às teses e projetos de lei.

<sup>8</sup> Vd. valores tradicionais romanos, como *pietas*; *amicitia*; *fides*; *honor*; *grauitas*; *simplicitas*; *moderatio*; *libertas*; valorização de *labor*, *negotium*; respeito pelo *mos maiorum*.

<sup>9</sup> Cf. Pl. *Cra.* 413a 8-9; Poll. 3.151. Assim, a máxima gravada em Delfos, μηδὲν ἄγαν, “nada em excesso” e *aurea mediocritas*, no epicurismo horaciano (*Carm.* 2.10.5). Cf. *mutatis mutandis*, uma tonalidade de certa forma recuperada no paradigma judaico-cristão, *Ec.* 1:2. Vd. João Crisóstomo, Ὁμιλία εἰς Εὐτρώπιον 1.1, séc. IV: ματαιότης ματαιοτήτων τὰ πάντα ματαιότης, “vaidade das vaidades, tudo é vaidade”.

Inscrevendo o seu estudo no conjunto de análises respeitando a forma como as emoções são suscitadas e instrumentalizadas em diversos contextos culturais, políticos e literários da Antiguidade, Potter (2021: 281-320) permite refletir a respeito da forma como diferentes emoções se mobilizam na antiguidade sendo ficcionalmente retratadas no teatro, formação retórica. Cf. Chialva (2024: 1-27).

<sup>10</sup> Observe-se a conduta citada por Sen. *Ep.* 107.1: *ducunt uolentem fata, nolentem trahunt*. Cf. Wagenwoort (1969: 281).

<sup>11</sup> Considere-se, *mutatis mutandis*, na literatura, a educação de Aquiles por Quíron (*Il.* 11.832).

<sup>12</sup> Vd. Petit (2017, 567). Cf. *Pl. Prt.* 325c-326e, 407b-c.

<sup>13</sup> Considerem-se conhecimentos básicos distribuídos pelos primeiros ensinamentos de letras e números (responsabilidade materna e mestria do γραμματιστής), disciplina da alma pela música (ensino do κιθαριστής), aprimorados em prol do valor físico (por mestres como o παιδοτρούβης).

<sup>14</sup> Cf. Pernot (2008: 283-306).

<sup>15</sup> Cf. Marrou (1982: 150-205: 265-291); Too (2001: 1-21); Gibson (2004: 103–129); Pernot (2008: 283-284); Penella (2011: 77).

<sup>16</sup> Quint. *Inst.* 2.1.13 denota que a primeira lição de *progymnasmata* deve seguir-se à última do gramático. A este profissional deveriam consignar-se os ensinamentos mais fáceis, delegando-se os mais difíceis a sofistas. Todavia, em 1.9.6, merecem a sua crítica casos de *progymnasmata* complexos transmitidos por gramáticos. Cf. Jullien (1885: 296); Eyre (1963: 54); Viljamaa (1988: 183-184); Too (2001: 1-21); Pernot (2008: 283-284).

<sup>17</sup> Cf. Rapple (1993: 63).

<sup>18</sup> *Vide*, neste âmbito, a evolução do conceito de σοφία, como princípio basilar que acompanha o desenvolvimento dos contornos da ἀρετή até ao contexto democrático. De facto, torna-se nítido o trajeto desde um cariz essencialmente prático a um pendor filosófico, ou seja, a partir da denotação de uma habilidade ou arte, conforme manifesta a épica homérica (e.g. *Il.* 15.412. Cf. Hes. *Op.* 649), até uma sabedoria abstrata aplicada em diversas áreas (Hdt. 1.29, 4.95), como poética, política, retórica (vd. σοφιστής), entre outras. Importa distinguir entre a verdadeira σοφία (*Pl. Phdr.* 278d), objeto de estudo da φιλοσοφία e da φρόνησις (cf., a propósito da distinção entre saber prático - φρόνησις e saber intelectual - σοφία, Arist. *EN* 1441a-b, 1143b-1144a) e a competência retórica ministrada pelos σοφισταί, descurando princípios de ordem ética, justificando a existência de antissofistas (e.g. Catão o antigo, séc. III/II a.C.). Daí a importância da *sophrosyne*, enquanto capacidade de distinguir o 'bem' do 'mal' (Arist. *EN* 1103a, 1107b), uma das virtudes principais destacadas por *Pl. R.* 435b.

<sup>19</sup> Ἀλλός, possível de traduzir-se, na atualidade, pelo instrumento 'oboé'.

<sup>20</sup> Entende-se por sofística um movimento cultural desenvolvido em áreas como retórica, oratória, política, história, literatura, religião, radicando no modelo cultural da Antiguidade Clássica. Após a primeira sofística (séc. V/IV a.C.), a segunda (séc. I-III) e a terceira (séc. IV), depois, na sequência de Pselo, mediante a ortodoxia comnena dos séculos XI e XII. Cf. Vitanza (1991: 117–139); Pernot (2021: 174-176). Embora Aftónio

tenha seguido Libânio (com quem terá estudado) e partilhe formas e estilos da Segunda Sofística (como o gosto pela clareza, pelo estilo ático e pela estrutura formal dos exercícios), o seu posicionamento histórico e finalidades aproximam-no da tradição posterior: Mediante um critério cronológico e histórico-cultural, a Segunda Sofística é tradicionalmente delimitada pelo florescimento de oradores como Dio Crisóstomo, Eliano, Hérodes Ático, Luciano de Samósata, num contexto greco-romano anterior à cristianização generalizada do Império. Aftónio, todavia, situa-se na segunda metade do século IV, já num contexto cristianizado, pós-Concílio de Niceia (325), com fortes tensões entre tradição pagã e nova ortodoxia cristã. Tal é próprio daquilo que a crítica moderna designa como Terceira Sofística, em virtude de aspetos como a recuperação de formas clássicas, integração de valores do paradigma judaico-cristão, ênfase de uma funcionalidade ética da retórica. Sob um prisma estilístico-pedagógico, a obra de Aftónio participa de uma retórica fortemente codificada, pedagogicamente orientada e sistematizada para um público escolar bizantino, revelando uma função formativa, moralizante e cívica mais próxima da terceira sofística.

<sup>21</sup> Vd. Capelle (1958: 441-443).

<sup>22</sup> Cf. Gregory (2005); James (2013).